

Desempenho sexual: a angústia do macho* 2

José Artur Diehl**

RESUMO

Este trabalho visou avaliar o homem em relação ao seu comportamento sexual, aos seus conceitos de desempenho nessa área e às possíveis angústias que isto possa lhe causar. Avaliaram-se aspectos como noções de sexualidade aprendidas na infância e na adolescência, expectativas de desempenho como homens, insucessos na atuação sexual nas primeiras relações e suas causas e conseqüências. Os resultados demonstraram uma constante e intensa preocupação com o desempenho sexual pela maioria dos estudantes universitários entrevistados. Apontaram, também, que muitos homens se angustiam e sofrem quando seu desempenho não corresponde à sua expectativa. Medo e/ou ansiedade estiveram presentes na quase totalidade das iniciações sexuais dos estudantes. A principal razão para isso, segundo eles, foi o medo de falhar. A maioria dos estudantes, de acordo com sua própria avaliação, acreditou ter tido desempenho fraco ou razoável no

* Trabalho vencedor do 9º Prêmio para Estudantes da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul.

** Psicólogo Clínico.

Recebido em 10.01.00

Aprovado em 20.01.00

primeiro intercurso. As principais razões apontadas para isso foram a in experiência e a ejaculação precoce. Alguns estudantes ficaram com seqüelas após o “insucesso” dessa primeira experiência, mas poucos buscaram ajuda. Entre os estudantes que tiveram problemas sexuais, houve uma considerável tendência a negar a angústia ou o próprio problema.

Palavras chave: Sexualidade masculina, desempenho sexual, ansiedade.

INTRODUÇÃO

É comum em nossa sociedade, transmitir-se ao homem, desde os primeiros momentos de sua infância, a idéia de que ele é “macho”, ou seja, forte e capaz de vencer todos os obstáculos, e de que por isto, não pode demonstrar suas fraquezas. Com o tempo estes valores são introjetados, e ele passa a desenvolver este tipo de comportamento, o que pode lhe causar sérios problemas em diversas áreas, entre elas, a afetiva e a sexual.

Com relação à sexualidade masculina, freqüentemente espera-se que os homens tenham amplos conhecimentos e que desempenhem impecavelmente em cada encontro, a qualquer momento e com qualquer companheira. E muitos homens, além de acreditarem em tais conceitos, procuram atender estas exigências como se isto fosse obrigação. Tal comportamento pode gerar um alto nível de angústia, prejudicando o seu desempenho imediato ou futuro e até, levando-os à impotência.

Nos últimos anos, profundas mudanças vêm ocorrendo em relação à sexualidade em nossa sociedade. Com relação aos homens, eles parecem aos poucos, estar aceitando com mais tranquilidade suas fraquezas e até, sendo capazes de conversar sobre elas e de buscar ajuda. Apesar disto, para muitos, fatores como o tamanho do pênis e o tempo para a realização do ato sexual ainda causam extrema preocupação.

Na atualidade, num país de dimensões continentais como o Brasil, com costumes diferentes em várias e extensas regiões e com a velocidade e a intensidade das mudanças que vêm ocorrendo em relação ao comportamento sexual, torna-se difícil e arriscado fazer-se afirmações a respeito de um padrão brasileiro de comportamento sexual masculino, sem incorrer-se no risco de ser inexato.

Este trabalho objetivou determinar se, no meio pesquisado, no momento atual, a ansiedade do homem em relação ao seu desempenho sexual é ou não uma realidade, e se ela ainda causa muitas das seqüelas descritas na literatura. Procurou-se investigar, com relação aos homens, suas noções de sexualidade aprendidas na infância e na juventude, suas expectativas de desempenho como homens, suas possíveis falhas no desempenho sexual nas primeiras relações e as causas das mesmas, e as prováveis angústias e problemas resultantes do processo.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O sujeito humano só pode ser psicologicamente construído por outro ser humano, ou seja, por um idêntico, um semelhante, e esta construção ou constituição psicológica se dá através do processo de identificação (Kusnetzoff, 1987).

Desde esta perspectiva, o tipo de relacionamento que alguém estabelece com as demais pessoas encontra-se firmemente alicerçado em experiências anteriores, com pessoas significativas e, dentre elas, de um modo muito particular, com os pais. A forma como eles correspondem às necessidades do filho, estimulando-o ou inibindo-o, premiando-o ou condenando-o, fornece as condições básicas para o desenvolvimento de uma personalidade harmônica e sadia, capaz de estabelecer e de manter relações satisfatórias (Anton, 1991).

O vínculo inicial entre mãe e filho é muito forte e importante. A criança encontra-se em extrema dependência de sua mãe (Bowlby, 1990). A presença da figura paterna, com o tempo, passa a integrar-se nessa relação, facilitando o afrouxamento dos elos primitivos estabelecidos entre mãe e filho. O pai, assim, intercepta, corta o vínculo narcisista da criança com a mãe, dando origem ao Complexo de Édipo (Anton, 1991). Essa relação triangular que se estabelece entre pai, mãe e filho, é fundamental na formação da personalidade do menino. Para um desenvolvimento saudável da personalidade deste último, é importante que, em determinado momento, ele consiga desligar-se da mãe e realizar uma identificação com o pai que o faça incorporar os valores masculinos. Muitas vezes, entretanto, este processo não ocorre de forma natural (Costa, s.d.). Na infância, é comum para as crianças examinarem e compararem seus órgãos sexuais. É natural que elas fiquem curiosas a respeito de sua anatomia sexual e da de seus amigos. Essas primeiras experiências de tocar, olhar e explorar, são importantes para o desenvolvimento de uma atitude positiva para com o corpo e com a sexualidade. Pais muito conservadores, entretanto, podem frustrar este processo, passando mensagens de desaprovação ao filho, que o desencorajam a seguir nestas práticas exploratórias. Ele aprende então, que seu corpo e, em especial, seus órgãos genitais, são algo para ser escondido, de que deve se envergonhar. Como resultado desta aprendizagem negativa, a curiosidade natural sobre o corpo fica embotada (McCarthy, 1981).

Essas trocas afetivas, fundamentais para o desenvolvimento psicosexual do menino e futuro adolescente, não são portanto, vividas com naturalidade. Ao contrário, podem ser marcadas por sentimentos de culpa e de ansiedade. Desta forma, tudo o que se refere à sexualidade pode passar a ter um sentido negativo, associado à vergonha e ao pecado. Os sentimentos sexuais passam a ser considerados segredos invioláveis e suas manifestações, uma contravenção às normas morais impostas pelos adultos. Tal processo faz com que muitos jovens cheguem à vida adulta com uma percep-

ção precária de seu corpo, tornando-se angustiados e carregando muita culpa em relação a essas experiências. O amor não evolui, torna-se egocêntrico, e a existência do outro torna-se importante apenas como objeto de uso ou de prazer imediato (Costa, s.d.).

É difícil para uma criança ou para um adolescente desenvolver o senso do que é ser um homem, a menos que possa falar com seu pai de forma franca sobre seus sentimentos e sobre suas dúvidas, coisas como o seu desenvolvimento sexual, o significado das ereções, as doenças venéreas e as atitudes para com as mulheres. Muitos pais, entretanto, não se dão esta liberdade e nem se permitem demonstrar afeição por seus filhos após a infância. Com relação aos meninos, principalmente, os pais param de ser afetuosos logo que eles chegam a uma certa idade, temendo que este comportamento seja encarado como homossexual, ou que possa influenciar os filhos a serem homossexuais (McCarthy, 1981).

No Brasil, mesmo com a maior liberdade sexual que ocorreu a partir dos anos sessenta, homens e mulheres ainda recebem, na atualidade, uma formação bastante diferenciada em relação à sua sexualidade. Enquanto das mulheres são esperadas características como recato, meiguice, docilidade e, até, em certos casos, passividade ou abstinência sexual, dos homens espera-se força, coragem, decisão, potência, virilidade e atividade sexual. À primeira vista, tal fato poderia parecer uma grande vantagem do homem em relação à mulher, principalmente no que diz respeito a uma maior liberdade para a prática sexual e, consequentemente, para a obtenção do prazer. Sob outro prisma, entretanto, tais vantagens perdem seu efeito quando confrontadas com os problemas decorrentes das expectativas que se têm do desempenho sexual do homem, mesmo em períodos ou situações da vida em que ele não está física e/ou emocionalmente apto para tal. Assim, estas idéias de infalibilidade e de força podem funcionar para o jovem como fonte de tensão em seus primeiros relacionamentos. Os grupos de amigos também, podem funcionar como fonte de ansiedade. Em suas conversas, costumam manifestar experiências sexuais (muitas de origem fantasiosa) e contar vantagens, fazendo comparações para ver quem é mais homem do que quem (Costa, s.d.; McCarthy, 1981).

Outra fonte de tensão ainda, podem ser os pais. Num estudo realizado para a ECOS (Estudos e Comunicação Sobre a Reprodução e a Sexualidade Humanas), Simonetti C., Simonetti V., Arruda e Rogow (1996), mostraram-se surpresas com a quantidade de pressão que os meninos pesquisados sentiam para atender às expectativas de seus pais. Os meninos neste caso, sentiam que seus pais estavam ansiosos para que eles iniciassem sua atividade sexual, por medo de que de outra maneira, se tornassem homossexuais. A vida sexual de um adolescente, desta forma, pode tornar-se altamente competitiva, voltada para o desempenho e para a quantidade.

Em nenhuma outra ocasião da vida de um homem o planejamento é tão importante quanto nas suas primeiras relações sexuais. Ela deveria

ocorrer com descontração e sem exigências. Entretanto, isto não ocorre com frequência. A primeira relação, geralmente, se caracteriza por intensa ansiedade, principalmente devido ao medo do fracasso. Em tais condições, não surpreende o fato de que para muitos jovens, suas primeiras relações sexuais sejam extremamente frustrantes, comumente apresentando quadros de ejaculação precoce ou de impotência. A frustração e a vergonha podem levá-los a consumir álcool e drogas para ganharem coragem, agravando ainda mais o quadro. Tais fatos podem definir o psiquismo destes jovens, levando-os a ter problemas por muitos anos ou para o resto de suas vidas (McCarthy, 1981).

O jovem que passa por este tipo de situação, freqüentemente, pode entrar em depressão, e sua libido e seu interesse sexual podem chegar a desaparecer. Ele prevê a possibilidade de um novo fracasso e, para complicar ainda mais a situação, não tem ninguém para conversar sobre isto. Geralmente, não há receptividade dos pais, mas mesmo que houvesse, a vergonha o impede de tomar esta atitude. Falar com os amigos também é praticamente impossível, pois tal desabafo significaria reconhecer que ele não é "bom de cama". Ele começa, então, a evitar relacionamentos mais íntimos. Se está namorando, pode terminar o namoro. A preocupação com a ereção se torna mais freqüente e ele começa a considerar um quadro de impotência. A segunda relação, desta forma, pode repetir a primeira: falta de tranqüilidade, tensão, medo, preocupação, pânico. E acontece o segundo malogro. A partir daí, a antecipação de fracassos começa a ocorrer e o jovem pode perder a possibilidade do afeto, da ternura, do erotismo (Costa, s.d.).

O medo da "primeira vez" de um homem, de acordo com Kusnetzoff (1987) não se restringe à "iniciação sexual", mas também à primeira vez de um homem com cada mulher. Esta situação costuma produzir inibição, com o conseqüente prejuízo da ereção ou com a inexistência desta.

Por paradoxal que possa parecer, estes tipos de problemas sexuais que se apresentam na adolescência e na fase jovem do homem, ocorrem numa época em que ele está no ápice biológico de desempenho. Ele tem uma resposta rápida e repetida aos estímulos eróticos, é quase infatigável, é capaz de chegar à ereção em questão de segundos e de ter uma ejaculação sem perder totalmente a ereção (Kusnetzoff, 1987).

À medida que o homem vai se tornando mais velho e, com a responsabilidade de proporcionar sustento a si próprio e à família, ele vai moderando e selecionando, progressivamente, o ritmo sexual. Com o tempo, ele vai descobrindo que precisa de massagem ou fricção mais direta no pênis para chegar à ereção. O que não é um indício de impotência, mas de que seu tipo de reação sexual está mudando. Aos 30-35 anos, já não existem os picos biológicos dos 18 anos e a ereção rápida, e a frequência do coito tende a se reduzir. Mas a vida sexual pode melhorar quanto à qualidade e aumentar, extraordinariamente, a segurança interior (McCarthy, 1981; Kusnetzoff, 1987).

Muitas mudanças vem ocorrendo relacionadas ao comportamento do homem em sociedade. Acredita-se que sua sensibilidade está despertando, fazendo-o inclusive, tomar parte do universo doméstico. O homem, considerado como sexo forte, está aceitando de forma mais tranqüila suas fraquezas. Pensar no homem como um "sabe-tudo" com domínio de suas emoções está sendo considerado ultrapassado. Apesar dessas mudanças, continua a ter dificuldades de demonstrar seus medos e sentimentos. Eles ainda se vêm na obrigação de deter o poder econômico e se sentem sobre-carregados pela exigência de atenderem as solicitações femininas para proverem que são homens (Cushnir, 1994).

O homem ainda carrega antigos mitos, como a importância do tamanho do pênis, o medo da homossexualidade e o tempo da relação sexual (Costa, s.d.).

Segundo uma pesquisa do Centro de Estudos da Sexualidade Humana da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos (citada em Vitoria & Gullo, 1995), 65% dos homens consultados têm seu desejo sexual reduzido em função da divisão de poder com o sexo feminino. Um grande contingente de homens está assustado com a postura da mulher do final do século, se sente inseguro e, freqüentemente, perde até o interesse sexual. Ao contrário da mulher, que a partir dos anos sessenta aprendeu a culpar os homens por tudo que a incomoda nas suas relações com eles, o homem tende a culpar a si próprio por seu sentimento de inadequação.

De acordo com a revista *Veja* (O macho acorda do nocaute, 1996), o homem por milhares de anos, foi forte e capaz, limitou seus sentimentos, desenvolveu a competitividade, oprimiu a mulher e, ao mesmo tempo, foi seu provedor. Um dia, as mulheres saíram de casa para procurar emprego, namorados e diversão – sem falar de sexo e independência. De um momento para o outro, o castelo masculino virou pó (p. 76). A posição da mulher como um indivíduo ativo na sociedade assustou e ameaçou o homem. A tal ponto, que chegou a afetá-lo, inclusive, em sua sexualidade.

A grande maioria dos livros e trabalhos publicados sobre sexualidade humana são a respeito da sexualidade feminina. Entretanto ultimamente, o interesse sobre a sexualidade masculina vem aumentando. Nos Estados Unidos há mais de 200 departamentos de estudos do homem e, no Canadá, já passa de 100. No Brasil, livros e reportagens já começam a ser publicados sobre o tema (O macho acorda do nocaute, 1996).

O homem está assustado sexualmente, mas está procurando mudar, reagir, recuperar os valores essenciais de sua masculinidade. A sexualidade pode ser uma fonte de grande prazer ou causa de dor e infelicidade. E um ou outro dependem, em grande parte, de nossas atitudes sexuais serem baseadas em conceitos certos ou errados. Com freqüência, obter informações exatas sobre sexo é o primeiro passo para se alcançar um bom ajustamento sexual (McCarthy, 1981).

MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada através da aplicação de um questionário composto por 25 questões, sendo 22 fechadas e 3 abertas.

Antes da elaboração definitiva do questionário, foi feito um teste piloto a oito estudantes universitários, a fim de realizarem-se ajustes no instrumento antes de sua aplicação definitiva.

Duzentos e dez questionários foram distribuídos a estudantes universitários do sexo masculino da Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, nos meses de agosto e setembro de 1996. A distribuição foi feita em salas de aula e em outros locais do Campus universitário. Os questionários foram colocados dentro de envelopes selados endereçados ao autor da pesquisa, de forma a preservar o sigilo dos estudantes. Este método foi usado também, para que os estudantes, ao invés de responderem o questionário em sala de aula, pudessem fazê-lo com calma, em local onde se sentissem mais à vontade, sem a possível pressão psicológica causada pelos colegas. Pressupôs-se ainda, que este método diminuiria a possibilidade dos questionários serem preenchidos por simples trote, por brincadeira ou forçados pela situação, já que preenchê-lo em casa e levá-lo a um posto ou caixa de correio demandam um certo grau de interesse e esforço.

Dos 210 questionários distribuídos, 83 retornaram e foram analisados.

As idades dos estudantes em estudo variaram entre 17 e 33 anos, com uma média de 21,4 anos. Destes, 98,8% eram solteiros e 1,2% divorciados.

Os resultados das questões fechadas foram transformados em percentagens para comparação. Quanto às questões abertas, foram relacionadas as características ou as idéias principais de cada resposta, procurando-se agrupá-las em categorias de acordo com suas similaridades. Posteriormente também, aplicou-se estatística descritiva sobre os dados a fim de comparar as categorias de respostas. Nas questões abertas onde se perguntou o que o estudante considerava ser um "bom desempenho sexual" e do que achava que "um homem deveria ser capaz numa relação sexual", foram calculados dois subtotais: o primeiro, referente a idéias mais relacionadas a prazer, potência sexual, desempenho e conquista; o segundo, referente a idéias mais ligadas a afeto, amor, sentimentos e sensibilidade.

Foram feitas comparações entre orientação sexual na infância x ansiedade e orientação sexual na infância x desempenho. Para a determinação da significância ou não destas comparações, foi usado o teste Qui-quadrado (X^2).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A quase totalidade dos estudantes universitários avaliados era solteira (98,8%).

Do total de estudantes, 89,2% já haviam tido tiveram relações sexuais e 10,8% não.

A média de idade de todos os estudantes avaliados foi de 21,4 anos, e a média de idade dos estudantes que não tiveram relações sexuais foi de 19.

A quantidade de estudantes ainda não iniciados sexualmente (10,8%), com uma média de idade de 19 anos, para a época atual, de certa forma surpreende. Além da repressão ainda existente em algumas famílias e dos conteúdos de dificuldade e de ansiedade que a iniciação sexual traz normalmente aos jovens, uma das causas a ser considerada para o retardamento desta iniciação é o vírus da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). Costa (s.d.) diz ser comum jovens escolherem a abstinência sexual como forma de superar o medo de contrair a doença.

Os amigos foram a principal forma através da qual os estudantes, pela primeira vez, souberam algo a respeito de relações sexuais (Tabela 1). Isto se deve, provavelmente, ao fato de que a educação sexual dada pelos pais e professores destes sujeitos deve ter começado mais tarde. É comum ainda, a idéia de que crianças não devem aprender sobre sexo muito cedo. Ao constatarem que a criança, nos seus primeiros anos de desenvolvimento, sente prazer em tocar seu corpo, os adultos geralmente, procuram desviar a atenção do menino ou da menina, proibindo-os ou até mesmo punindo-os (Costa, s.d.).

Um número expressivo de estudantes (44,6% e 55,4%) afirmou não ter recebido orientação sobre relações sexuais na infância e na adolescência, respectivamente. Entre aqueles que receberam orientação entretanto, deve-se salientar que grande parte desta foi obtida através de amigos, ou de fontes como televisão, revistas e livros (Tabela 2). Nota-se por estes dados na infância, uma participação dos pais muito mais ativa na orientação sexual das crianças do que na adolescência, onde o papel dos amigos também assume destaque. Isto indica que, enquanto a informação aos filhos sobre sexualidade se limita a assuntos mais superficiais e fantasiosos, como é comum na infância, os pais participam de forma mais ativa. Na adolescência contudo, onde as conversas têm a ver diretamente com conteúdos sexuais mais concretos, a repressão assume seu papel, restringindo ou eliminando a participação dos pais. Desta forma, os amigos se tornam uma das principais fontes de informação e/ou orientação. McCarthy (1981) afirma que são poucos os pais que têm a capacidade de se comunicarem livremente com seus filhos sobre a sexualidade humana. As conversas, muitas vezes, se resumem a uma rápida preleção que no máximo, responde a questões do tipo quem põe o que aonde (p. 15).

Neste trabalho, a maioria dos estudantes (76%) expressou o desejo de ter recebido mais orientação sexual na infância e/ou adolescência. Quando perguntados de quem ou de que forma gostariam de ter recebido esta orientação, a família (42%) ou a escola (30,9%), foram as escolhas principais (Tabela 3). Como a principal fonte de orientação sexual na adolescência, os

amigos, juntamente com a família, foram os mais referidos. Porém, neste estudo evidenciou-se que apenas 3,7% dos estudantes desejariam receber orientação sexual de amigos. Isto demonstra uma disparidade muito grande entre o que ocorre na prática em termos de orientação sexual masculina e o que os jovens gostariam de receber. As dificuldades, com relação a este assunto, podem ser notadas em algumas opiniões expressadas pelos estudantes, descritas a seguir:

- *Gostaria de ter tido mais orientação por parte dos meus pais e professores na escola. As orientações deveriam proporcionar um conhecimento da sexualidade, com orientação sobre o próprio ato sexual e o seu significado na relação entre duas pessoas.*
- *Gostaria de ter tido mais orientação no colégio, de forma a perder o medo de não satisfazer a parceira e a não ficar com medo das conseqüências, tendo orientação sobre gravidez e doenças.*
- *Gostaria que tivesse sido diferente, pois na infância, quando brincávamos com as meninas e éramos descobertos, castigavam-nos brutalmente. Diziam que era proibido, que era feio. E, quando me tornei adulto, percebi que existiam dois mundos: aquele que queriam me mostrar e a realidade. Se isto me fosse passado desde a infância como natural, talvez hoje eu não fosse tão cheio de traumas e complexos.*

Simonetti et alii (1996) referem que, ao contrário das meninas, que reclamam do controle excessivo por parte dos pais os meninos reclamam sobre sua ausência. Eles tentam falar com eles, mas os pais parecem não saber o que dizer.

No que concerne à primeira relação sexual, a grande maioria dos estudantes (81,3%) disse ter sentido medo ou ansiedade no ato. As principais razões mencionadas para isto foram o medo de falhar (30,2%), a preocupação com a gravidez (26,7%), o medo de ser descoberto (17,5%) e a preocupação com doenças (15,1%) (Tabela 4). Note-se aqui, que o motivo principal da ansiedade foi o medo de falhar, ou seja, a preocupação com o desempenho. Costa (s.d.), diz que as primeiras relações sexuais se caracterizam por grandes doses de ansiedade. Os temores de ser rejeitado são infinitamente maiores que o desejo. Para McCarthy (1981), em nenhuma outra ocasião da vida de um homem o planejamento se faz tão necessário quanto na sua primeira relação sexual. Kusnetzoff (1987) chama a atenção para o fato de que não só a primeira vez de todas, a "iniciação sexual", causa ansiedade. Toda a primeira vez com cada mulher costuma causar uma inibição intensa, cuja conseqüência maior pode ser a inexistência de ereção.

Nos dados anteriormente descritos (Tabela 4), surpreende de certa forma, a alta taxa de rapazes preocupados com a possibilidade de engravidar a parceira, principalmente porque na atualidade, existe uma grande dis-

ponibilidade de métodos contraceptivos, uma quantidade considerável de informações sobre o assunto e uma facilidade de acesso a este material, bem como de consultar um especialista sobre o assunto. Mesmo que as parceiras (por serem presumivelmente jovens e, possivelmente, conviverem ainda com a família) tivessem dificuldades ou medo de usar a pílula anti-concepcional, por exemplo, isto não seria motivo para tal grau de preocupação. Preservativos masculinos (camisinhas) estão disponíveis em qualquer farmácia ou supermercado, e sua compra por jovens já não desperta crítica, curiosidade ou estranheza. Além disto, sua aceitação por parte dos jovens na atualidade, parece não sofrer tanta restrição quanto por parte dos adultos. Segundo Lopes (1995), é comum jovens de 18 a 25 anos carregarem camisinhas no bolso, enquanto os adultos não gostam de usá-la, por esta não estar incorporada à sua formação sexual.

A primeira relação sexual dos entrevistados foi realizada, em sua maioria, com namoradas (44,6%) ou amigas (41,9%) (Tabela 5). Tais resultados concordam com a afirmação de Costa (s.d.), de que a iniciação sexual de grande parte dos jovens nos dias atuais, ocorre com a namorada. Esta situação teoricamente, tornaria mais fácil o ato, devido ao vínculo existente. Isto entretanto nem sempre ocorre, já que muitos jovens, com medo de falhar ou de demonstrar inexperiência com a mulher amada, preferem iniciar-se com outras jovens, de preferência desconhecidas ou fora de seu círculo de amizades. Costa (s.d.) refere que, apesar de ser psicologicamente mais favorável para um rapaz iniciar-se com a namorada, em muitos casos isto se constitui numa ameaça, pelo medo da rejeição e de que o fato se torne conhecido pelas amigas dela. É importante levar em conta, neste caso, que nos dias de hoje o ato de "ficar" praticado pelos jovens torna confusa e tênue a limitação entre namoro e amizade. Tal diferenciação não foi considerada neste trabalho. Os resultados mostram também claramente, que o papel das prostitutas na iniciação sexual dos rapazes, de destaque no passado (Chauí, 1984), reduziu-se em importância significativamente. Depois da AIDS, segundo Lacaz, Martins e Martins (1990), a relação sexual com prostitutas diminuiu.

Quanto ao desempenho sexual obtido dos estudantes na primeira relação sexual, 41,1% consideraram-no fraco, 28,8% razoável, e apenas 27,4% bom, sendo que 2,7% não conseguiram realizar o ato (Tabela 6). Este nível baixo de desempenho na primeira relação foi atribuído principalmente, a fatores como inexperiência, ejaculação precoce e ereção parcial (Tabela 7). Apesar da primeira relação sexual dos estudantes ter sido, em sua maioria, com as namoradas e amigas, isto, aparentemente, não tornou a situação mais fácil. É importante levar-se em consideração neste caso, que a noção de fraco desempenho é uma percepção pessoal dos entrevistados e que, não necessariamente, tenha sido insatisfatório. Em muitos casos e talvez até na maioria deles, é possível que a parceira não tenha percebido a "fraqueza" do desempenho e tenha sentido a relação como prazerosa.

Entre os estudantes que sentiram seu primeiro desempenho sexual como fraco (41,1%), 34,5% deles disseram que a ansiedade resultante afetou seu comportamento sexual futuro. E destes, 20% mencionaram que ainda hoje, têm problemas sexuais devido às dificuldades ocorridas em sua iniciação. À primeira vista, tais números podem parecer baixos. Mas se considerarmos que de cada 100 jovens que iniciam-se sexualmente tendo algum tipo de problema, 14 continuam a ter problemas e, alguns deles, podem tê-los pelo resto da vida, então estes dados passam a ter importância capital. Cinquenta por cento destes jovens que continuaram a ter problemas disseram ter tido persistência da ejaculação precoce, 30% evitaram novas relações sexuais, e 20% tiveram mais desempenhos fracos.

Muitas são as causas das disfunções sexuais. Entre as orgânicas, pode-se citar: problemas congênitos, feridas e traumatismos, enfermidades, intervenções cirúrgicas, disfunções hormonais, remédios e drogas, entre outras. Há concordância de que uma parte expressiva das disfunções sexuais, talvez a maioria delas, têm causas psicológicas envolvidas (Cavalcanti & Cavalcanti, 1997; Kaplan, 1977; Lopes, 1993).

Em jovens que têm a sua primeira relação sexual, como no caso de nossos entrevistados, problemas relacionados à organicidade são raros, a não ser quando ocorre a ingestão de álcool ou o uso de drogas. Costa (s.d.) cita que é comum jovens ingerirem álcool ou usarem drogas para ganharem coragem, fatos que só contribuem para diminuir a ereção. Para Kusnetzoff (1987), embora quase todos os conflitos sexuais sejam oriundos na infância, existem situações psicológicas em que sua origem é mais próxima. McCarthy (1981), diz que se espera dos homens amplos conhecimentos sexuais, sem que estes tenham recebido instrução adequada. Espera-se, também, potência, infalibilidade, desempenho impecável, mesmo em situações em que ele não apresenta condições para tal. Há ainda a considerar, o fato de que a sociedade equipara sexo e pecado. Trocas afetivas, muitas vezes, não são encaradas com naturalidade, e tudo que se refere à sexualidade, passa a ter uma conotação negativa (Costa, s.d.; Kaplan, 1977). Para Masters e Johnson (1972), não se pode ensinar a um homem alterado a ter ereção, pois esta se desenvolve sempre de forma involuntária. Todos estes fatores, isolados ou associados, podem causar medo e ansiedade, que são algumas das grandes causas a nível psicológico, da ejaculação precoce e das dificuldades de ereção (Kusnetzoff, 1987).

Os conceitos de "bom desempenho sexual" apresentados pelos estudantes foi bastante variado (Tabela 8). Contudo, a maior parte destes conceitos (79,7%) relacionou-se a idéias de prazer, potência, controle, prolongamento do tempo de cópula e superação, entre outras. Ou seja, referem-se a idéias que envolvem desempenho. Pensamentos relacionados a amor, afeto, carinho e sentimentos foram bem menos freqüentes. Mesmo quando o enfoque da questão foi mudado, sendo perguntado "o que deve ser capaz um homem numa relação sexual", a tendência foi aproximadamente a mes-

ma: 67,4% manifestaram idéias similares, envolvendo a noção de busca de desempenho sexual (Tabela 9). O uso de palavras como "máximo", "plenamente", "muito", "sempre", "paralisar", "enlouquecer", foram freqüentes, como nas frases: "dar o máximo de prazer", "satisfazer-se plenamente em todos os sentidos", "proporcionar prazer ao máximo", "prazer pleno", "paralisar e enlouquecer a parceira". Desta forma, não é surpreendente o fato de que um número tão elevado de indivíduos tenha tido ou acreditado ter desempenhos sofríveis em seu primeiro intercuro. Como referem Masters e Johnson (1972), Sempre que um indivíduo avalia seu rendimento sexual ou o de sua parceira durante o coito, tira o sexo de seu conteúdo natural (p. 164).

Apenas 26,3% dos estudantes que disseram ter permanecido com problemas sexuais buscaram ajuda para isto. E quando o fizeram, esta ajuda se limitou a conversas com amigos (40%), com familiares (20%) e com a parceira (20%). Em termos de ajuda especializada, somente 20% disseram ter consultado um médico, e nenhum mencionou ter buscado ajuda com um psicólogo. Com este tipo de ajuda recebido, 60% afirmaram ter seus problemas solucionados ou aliviados, e 40% ainda sofre suas conseqüências. Uma das razões para os homens não procurarem ajuda para seus problemas sexuais é a vergonha e o medo de que o fato se torne conhecido, e de que sua masculinidade fique socialmente comprometida. Segundo McCarthy (1981), é muito raro encontrar rapazes que falem abertamente de seus problemas sexuais. As mulheres tendem a admitir mais sua falta de conhecimento e de perícia, enquanto que os homens tendem a ser presunçosos, sabedores de tudo em matéria de sexo. De acordo com a revista *Veja* (O macho acorda do nocaute, 1996), muitos profissionais que trabalham na área da sexualidade, além de atenderem em horas incomuns, costumam marcar horários com pacientes com longos intervalos entre eles, de forma que não corram o risco de se encontrar na sala de espera. Vergonha, insegurança e medo, entretanto, não são os únicos fatores que fazem com que um homem não fale de suas dificuldades sexuais. Em muitos casos, ele parece não reconhecer a própria angústia como um elemento prejudicial e, por esta razão, não busca tratamento psicoterápico ou qualquer outro tipo de ajuda. Em 25,3% dos questionários respondidos, ficaram claramente evidenciados aspectos contraditórios nas respostas, geralmente através da negação da angústia ou do próprio problema. O questionário aplicado aos estudantes foi montado de forma que algumas perguntas se repetiram, de uma maneira diferente. Assim, freqüentemente, muitos dos problemas que eram negados numa primeira oportunidade, apareciam na seqüência. Alguns exemplos são citados a seguir:

- Estudante nunca teve problemas em relação à sua sexualidade, não gostaria de ter mais informações sobre sexo, mas afirmou ter medo de se tornar impotente quando a relação não ocorre como espera.

- A ansiedade existente na primeira relação não afetou o comportamento sexual futuro e, na atualidade, diz não ter problemas com sua sexualidade. Numa questão posterior, entretanto, relatou que a ejaculação precoce ainda persiste.
- Disse ter tido um bom desempenho sexual na primeira relação. Numa questão posterior, citou que teve ansiedade e ejaculação precoce. Em seguida, mencionou que estes problemas não afetaram o seu comportamento sexual futuro, mas, mais adiante, afirmou que a ejaculação precoce persiste até hoje. Nota-se assim, em muitos casos, a existência de um forte mecanismo de negação dos próprios problemas, como se eles por vezes, não estivessem lá.

Ao serem questionados sobre como são afetados quando seu desempenho sexual não corresponde à sua expectativa, apenas 4,9% disseram não ter tido este problema (Tabela 10). A maioria (32,1%), disse ter sentido ansiedade, 16% sentiram vergonha da parceira, 7,4% tiveram medo de ficar impotentes e 8,7% tiveram outras preocupações. Apesar do fato de 30,9% terem afirmado não se preocupar com isto, esta afirmação não exclui a existência de um desempenho abaixo da expectativa.

Para se determinar se a orientação sexual obtida pelos estudantes na adolescência influenciou ou não sobre a ansiedade e sobre o desempenho, foi aplicado o teste Qui-quadrado (X^2), comparando-se orientação sexual na adolescência x ansiedade e orientação sexual na adolescência x desempenho. O teste não foi significativo, demonstrando que neste caso, a orientação não teve influência sobre os fatores ansiedade e desempenho. Isto de certa forma, contraria a opinião de McCarthy (1981) de que obter informações exatas sobre sexo é o primeiro passo para se alcançar um bom ajustamento sexual. É preciso levar em conta, entretanto, que grande parte da orientação recebida pelos jovens em questão veio através de amigos e de fontes como televisão e revistas, o que torna de certa forma, questionável o seu valor. É provável ainda que mesmo a informação fornecida pelos pais e professores, em parte ou no seu todo, tenha sido pobre e superficial. Não se pode deixar de considerar também, a visão psicanalítica de que fantasmas inconscientes são a origem dos conflitos sexuais. O conceito de Freud (citado em Kaplan, 1977) sobre a existência de poderosas forças inconscientes que exercem fortes influências sobre o indivíduo, tornou possível compreender, prognosticar e modificar fenômenos de comportamento até então inexplicáveis: como é que um homem não consegue manter a ereção quando faz amor com uma mulher que adora, e pode funcionar sem dificuldade com uma prostituta? Para Kaplan (1977), a teoria psicanalítica oferece uma explicação a tais fenômenos: a experiência sexual atual do adulto pode evocar antigos medos de punição por experiências sexuais que tenha tido na infância. O adulto assim, procuraria encontrar soluções de emergência, apesar de ignorar completamente a associação entre seus medos infantis e

sua experiência atual, que prejudica a sua sexualidade. Entre estas soluções, pode estar a constante busca pelo bom desempenho. E muitos homens se angustiam e sofrem com isso.

CONCLUSÕES

1. Aproximadamente metade dos estudantes avaliados disse não ter recebido orientação sobre relacionamento sexual na infância e na adolescência. Uma das principais fontes de informação dos que a receberam foram os amigos. A maioria gostaria de ter recebido mais orientação sexual por parte dos pais e da escola.
2. A primeira relação sexual dos estudantes, em sua maioria, foi realizada com as namoradas. Poucos iniciaram-se com prostitutas.
3. Medo e/ou ansiedade antecipatória estiveram presentes na quase totalidade das iniciações sexuais dos estudantes. A principal razão para isso foi o medo de falhar.
4. A maioria dos estudantes disse ter tido desempenho fraco ou razoável no primeiro intercurso. As principais causas apontadas para isto foram a inexperiência e a ejaculação precoce.
5. Alguns estudantes disseram ter tido seu comportamento sexual futuro afetado em consequência do fraco desempenho sexual na primeira relação. Deste grupo, a maioria teve persistência da ejaculação precoce e muitos, evitaram novas relações ou tiveram novos desempenhos fracos.
6. Poucos estudantes buscaram ajuda para os seus problemas sexuais. Esta ajuda geralmente, se restringiu a conversas com amigos. Nenhum disse ter procurado um psicólogo. Aproximadamente a metade destes não teve o seu problema solucionado.
7. A orientação sexual recebida na infância e na adolescência pelos estudantes, principalmente por parte dos amigos, não contribuiu para a redução da ansiedade ou para um melhor desempenho sexual no primeiro intercurso.
8. Nos conceitos de “bom desempenho sexual” ou do “papel do homem numa relação sexual”, predominaram idéias de prazer, potência, controle e superação. Sentimentos de amor, afeto e carinho foram manifestados com bem menos frequência.
9. Houve tendência, por parte dos sujeitos, a negar a angústia ou o próprio problema sexual.
10. A preocupação com o desempenho sexual foi uma constante entre a maioria dos estudantes universitários entrevistados.
11. Ansiedade, medo de tornar-se impotente e vergonha da parceira foram alguns dos sentimentos manifestados por aproximadamente 65% dos entrevistados, quando seu desempenho sexual não correspondeu à sua expectativa.

TABELAS

Tabela 1. Fontes de informação através das quais estudantes universitários do sexo masculino souberam, pela primeira vez, em sua infância, sobre relações sexuais (%).

Fontes de informação	%
Amigos	35,8
Revistas, livros	17,6
Televisão	14,5
Pai	12,1
Mãe	9,7
Professores	6,1
Irmão	3,0
Irmã	1,2
Total	100,0

Tabela 2. Fontes de informação através das quais estudantes universitários do sexo masculino receberam orientação na infância e na adolescência sobre relações sexuais (%).

Fontes de informação	Infância (%)	Adolescência (%)
Pai	32,9	14,3
Mãe	27,4	14,3
Irmão	2,7	2,0
Irmã	1,4	2,0
Amigos	13,7	36,8
Professores	21,9	24,6
Prostituta	—	2,0
Médico	—	2,0
Livros	—	2,0
Total	100,0	100,0

Tabela 3. Fontes de informação através das quais estudantes universitários do sexo masculino gostariam de ter recebido orientação sexual na infância e/ou na adolescência (%).

Fontes de informação*	%
Família	42,0
Escola	30,9
Pessoas especializadas	4,9
Psicólogos	3,7
Médicos	3,7
Amigos	3,7
Televisão	2,5
Revista especializada	2,5
Palestras	2,5
Sociedade	1,2
Irmãos	1,2
Livros	1,2
Total	100,0

* Muitas das respostas apresentadas sobre este assunto, nos 83 questionários avaliados, continham duas ou mais destas fontes de informação.

Tabela 4. Causas da ansiedade na primeira relação sexual de estudantes universitários do sexo masculino (%).

Causas	%
Medo de falhar	30,2
Preocupação com a gravidez	26,7
Medo de ser descoberto	17,5
Medo de doenças	15,1
Outras razões*	10,5
Total	100,0

* Outras razões: medo do desconhecido, medo da intimidade, medo da primeira vez, excitação, parceira virgem.

Tabela 5. Tipo de parceira envolvida na primeira relação sexual de estudantes universitários do sexo masculino (%).

Tipo de parceira	%
Namorada	44,6
Amiga	41,9
Prostituta	10,8
Desconhecida	2,7
Total	100,0

Tabela 6. Tipo de desempenho percebido por estudantes universitários do sexo masculino na primeira relação sexual (%).

Tipo de desempenho percebido	%
Fraco	41,1
Razoável	28,8
Bom	27,4
Não conseguiu ter relação	2,7
Total	100,0

Tabela 7. Causas percebidas do fraco desempenho sexual de estudantes universitários do sexo masculino na primeira relação (%).

Causas percebidas	%
Inexperiência	52,0
Ejaculação precoce	30,0
Ereção parcial	8,0
Impotência	2,0
Outras causas*	8,0
Total	100,0

* Outras causas: primeira vez da parceira, parceira não permitia, estava bêbado.

Tabela 8. Conceitos de “bom desempenho sexual” apresentados por estudantes universitários do sexo masculino (%).

Conceitos*	%
Proporcionar prazer, satisfação a ambos	41,3
Proporcionar prazer à parceira	8,3
Ambos atingirem o orgasmo	7,3
Conseguir que a parceira tenha mais de um orgasmo	3,8
Não ter pressa para terminar	2,8
Atingir pessoalmente o máximo de prazer	1,8
Proporcionar mais qualidade do que quantidade no prazer	1,8
Conseguir ter orgasmo	0,9
Atingirem o orgasmo ao mesmo tempo	0,9
Controlar-se e prolongar o prazer	0,9
Fazer com que tudo dê certo	0,9
Caprichar nas preliminares	0,9
Utilizar-se de várias posições	0,9
Ter potência sexual, vigor físico	0,9
Aumentar as fantasias	0,9
Desempenhar a função	0,9
Superar as expectativas	0,9
Não ter limites, valer tudo na cama	0,9
Manter uma certa frequência	0,9
Não ter ejaculação precoce	0,9
Ser perfeito	0,9
Subtotal**	79,7
Ser carinhoso, gentil	4,6
Obter prazer através do amor	3,8
Ter relação saudável, sentimental, afetuosa	3,8
Sentir atração, gostar da parceira	1,8
Relação deve ser natural, sem obrigação	1,8
Dividir sensações e sentimentos	0,9
Ter certo grau de intimidade	0,9
Sentir que valeu a pena	0,9
Casal têm de estar no clima	0,9
Não tentar transar todos os dias	0,9
Subtotal***	20,3
Total	100,0

* Conceitos da tabela expressam as várias idéias apresentadas sobre este assunto nos 83 questionários avaliados. Muitas das respostas continham duas ou mais destas idéias.

** Subtotal refere-se a idéias mais relacionadas a prazer, potência, desempenho.

*** Subtotal refere-se a idéias mais relacionadas a afeto, amor, sentimentos.

Tabela 9. Conceitos sobre “o que deve ser capaz um homem numa relação sexual” apresentados por estudantes universitários do sexo masculino (%).

Conceitos*	%
Proporcionar prazer a ambos	19,8
Proporcionar prazer à parceira	11,0
Realizar fantasias sexuais	3,9
Ser imprevisível, criar novas situações, não ter limites ou preconceitos	3,9
Conseguir que ambos cheguem ao orgasmo	3,2
Fazer a parceira ter orgasmo	2,4
Conquistar, ser sedutor	2,4
Ter bom desempenho	2,4
Saber onde tocá-la	1,6
Ter o controle da situação	1,6
Realizar-se sexualmente	1,6
Encontrar o momento certo	1,6
Inventar novas posições	0,8
Conseguir manter várias relações para satisfazer a parceira	0,8
Saber usar as mãos	0,8
Saber excitar	0,8
Dar prazer com mais qualidade do que quantidade	0,8
Conhecer métodos	0,8
Controlar as emoções	0,8
Ter ereções completas	0,8
Manter a ereção no mínimo razoável	0,8
Prolongar a ereção ao máximo	0,8
Ser desinibido	0,8
Deixar a mulher sempre “bem molhadinha”	0,8
Ir até onde a parceira for capaz	0,8
Fazer com que a relação sexual dure bastante	0,8
Paralisar, enlouquecer a parceira	0,8
Subtotal**	67,4
Ser carinhoso, cuidadoso, compreensível, sensível, amigo	11,0
Amar a parceira	2,4
Respeitar a parceira	2,4
Ter calma, paciência	1,6
Saber quando ela está disposta, não forçar	1,6
Sentir atração	1,6
Ser natural	1,6
Gostar da companhia	1,6
Dialogar com a parceira	1,6
Ficar ao lado dela	0,8
Não ser machão	0,8

Dar segurança à parceira	0,8
Estabelecer laços	0,8
Fazer a parceira feliz	0,8
Fazer ambos felizes	0,8
Não ser egoísta	0,8
Ter intimidade	0,8
Elogiar a parceira	0,8
Subtotal***	32,6
Total	100,0

* Conceitos da tabela expressam as várias idéias apresentadas sobre este assunto nos 83 questionários avaliados. Muitas das respostas continham duas ou mais idéias.

** Subtotal refere-se a idéias mais relacionadas a prazer, potência, desempenho, conquista.

*** Subtotal refere-se a idéias mais relacionadas a afeto, amor, sentimentos, sensibilidade.

Tabela 10. Reações apresentadas por estudantes universitários do sexo masculino como consequência de um desempenho insatisfatório (%).

Reações	%
Sentiram ansiedade	32,1
Não se preocuparam com isso	30,9
Sentiram vergonha da parceira	16,0
Sentiram medo de tornarem-se impotentes	7,4
Nunca tiveram esse problema	4,9
Outras razões*	8,7
Total	100,0

* Outras razões: sentiram-se frustrados, preocuparam-se e avaliaram os fatores que influenciaram o desempenho insatisfatório, procuraram descobrir o motivo, ficaram desorientados, ficaram chateados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTON, I. C. *A escolha do cônjuge: motivações inconscientes*. Porto Alegre: Sagra, 1991.
- BOWLBY, J. *Apego: a natureza do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CAVALCANTI, R., & CAVALCANTI, M. *Tratamento clínico das inadequações sexuais*. São Paulo: Roca, 1997.
- CHAUI, M. *Repressão sexual – essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COSTA, M. *Sexo: o dilema do homem – força e fragilidade*. São Paulo: Gente, s.d.
- CUSHNIR, L. *Homem. Um pedaço adolescente – Um pedaço homem*. São Paulo: Saraiva, 1994.
- KAPLAN, H. S. *A nova terapia do sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- KUSNETZOFF, J. C. *O Homem sexualmente feliz: do mito à verdade científica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- LACAZ, C. S., MARTINS, J. E., & MARTINS, E. L. *AIDS*. São Paulo: Sorvier, 1990.
- LOPES, G. *Sexualidade humana*. São Paulo: Medsi, 1993.
- LOPES, T. Vestido para o prazer. *Principal*, 29-35, outubro, 1995.
- MASTERS, W. H. & JOHNSON, V. E. *Incompatibilidad sexual humana*. Buenos Aires: Inter-Médica Editorial, 1972.
- MCCARTHY, B. *O que você (ainda) não sabe sobre a sexualidade masculina*. São Paulo: Summus, 1981.
- O MACHO ACORDA DO NOCAUTE. *Veja*, 70-77, janeiro, 1996.
- SIMONETTI, C.; SIMONETTI, V.; ARRUDA, S., & ROGOW, D. Listening to boys: a talk with. ECOS staff. In ZEIDENSTEIN, S., & KIRSTEN, M. (Eds.). *Learning about sexuality: a practical beginning*. New York. The Population Council. International Women's Health Coalition, 1996.
- VITÓRIA, G., & GULLO, C. Heróis da resistência. *Isto É*, 44-49, fevereiro, 1995.